

BETAR & ARTES LETRAS



World Press Photo

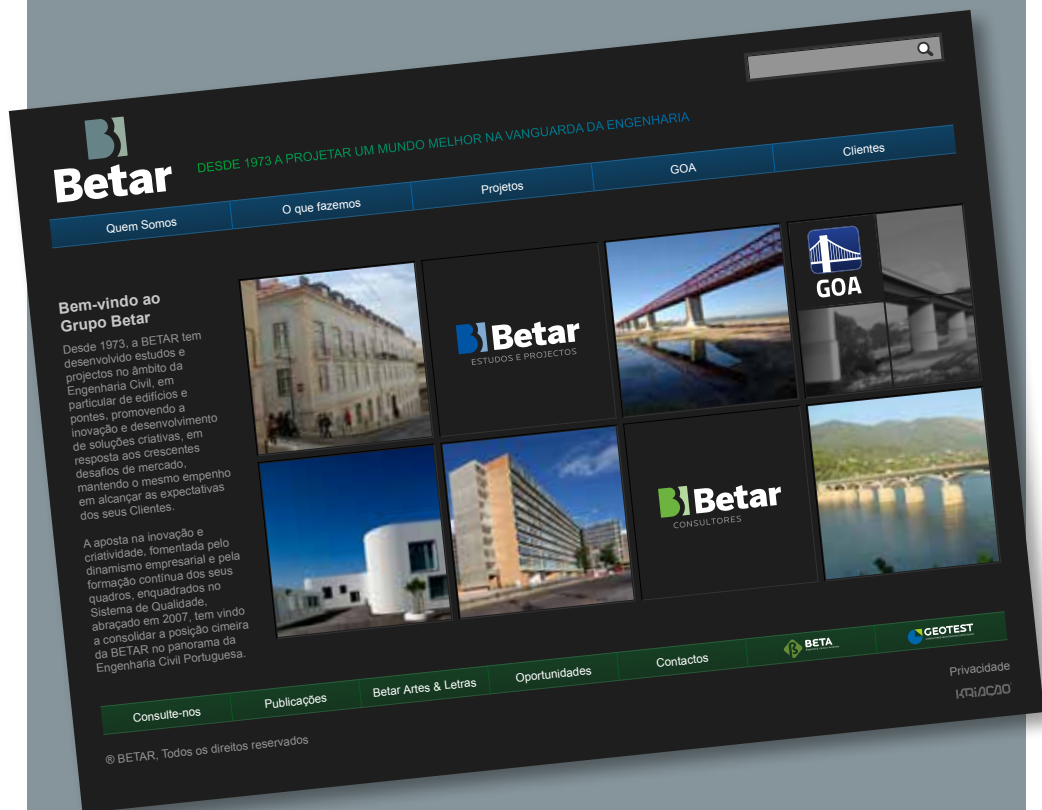
Uma das exposições fotográficas
mais importantes do ano está de volta

B
Betar

ENTREVISTA
ARO. PEDRO
FERREIRA PINTO

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt


Betar

Maio apresenta-se com muitas e boas propostas culturais.

Internacionalmente reconhecido, o “World Press Photo” é uma das exposições fotográficas mais importantes do ano. Está em Lisboa, durante este mês, com as fotografias premiadas em 2014. A não perder!

Na música, o Estoril Jazz está de volta, com Sean Jones, Roseanna Vitro com Kenny Werner e Opus 5; os Danças Ocultas apresentam um espetáculo surpreendente, no CCB, acompanhados por Carminho, Rodrigo Leão e Dead Combo; Antonio Tagliarini traz à Culturgest “Everybody”; e Sérgio Godinho e Jorge Palma surpreendem-nos num concerto único, no Centro Cultural Olga Cadaval.

Quanto ao teatro, violência, degradação, guerra, opressão, sofrimento, isolamento e culpa, são os temas das peças “As possibilidades”, em cena no Teatro Joaquim Benite, e “Play Strindberg”, no palco do Comuna.

O documentário “Pára-me de repente o pensamento”, de Jorge Pelicano, sobre doenças mentais; o icónico saxofonista Charles Gayle; e uma mostra inédita do espólio de Camilo Castelo Branco são algumas propostas culturais na cidade do Porto.

Fora de portas, há pelo menos duas coleções importantes em Madrid e Paris durante a renovação dos museus a que pertencem. Aqui bem perto, obras únicas de Munch, Kandinsky, Picasso, Lichtenstein e Andy Warhol.

A entrevista desta edição é com o arquiteto Pedro Ferreira Pinto que gentilmente nos contou pormenores do seu percurso profissional.

‘Procuro uma arquitetura com uma vertente minimalista e sem excessos de austeridade que tenta responder aos desafios da sociedade. Tento introduzir uma ideia de simplicidade, elegância e cultura.’

A profissão vista pelo
Arq. Pedro Ferreira Pinto.
Por Cátia Teixeira



Casa no Monte Estoril

Porque é que optou por tirar o curso no Porto? O que recorda desses tempos? E porque é que escolheu arquitetura?

Nasci no Porto mas vim muito novo para Lisboa. Tirei o curso no Porto porque o Arq. Carlos Ramos (pai) disse aos meus pais e a mim: “para aprenderes o que é a arquitetura vem conhecer a Escola do Porto.” Como tínhamos família no Porto foi fácil a adaptação mas difícil a integração. No primeiro ano, todos os fins-de-semana vinha a Lisboa... ao fim de dois anos vinha esporadicamente. Arquitetura porque tive a influência de um pai que desenhava fantasticamente bem e que, numa viagem Lisboa-Porto, parava nalguns locais e dizia: “saíam do carro e apreciem esta paisagem e este ar que não há na cidade”, ou abrandar junto a um portão de uma quinta e chamar a atenção para a proporção e seus detalhes. E também uma mãe, com educação inglesa e de rigor, que me deu a apetência para tentar intervir na vida profissional através do mundo da arquitetura com a escolha da alínea H aos 16 ou 17 anos.



Casa na Comporta

Regresseu a Lisboa para trabalhar. Que cidade encontrou?

Regressei a Lisboa após concluir o curso, em 1965, e após ter estagiado com o Arq. João Andresen, Prof. de Urbanismo da Escola do Porto. Tive a sorte de conhecer em Lisboa o Arq. José de Almada Negreiros, com quem fiz vários trabalhos, entre os quais o início do projeto do Colégio de São Miguel, em Fátima, que viria a ser o tema do meu trabalho C.O.D.A. (tese) defendido em 1968, com a colaboração do Eng. Ernesto Veiga de Oliveira, da BETAR. As duas Faculdades, Lisboa e Porto, tinham processos diferenciados de abordar o ensino da arquitetura. No Porto a escola funcionava como uma oficina, dispúnhamos de espaços bons para salas de aula/ateliers e os projetos eram obrigatoriamente executados nestes espaços. Em Lisboa trabalhava-se muito fora da escola e nos ateliers dos arquitetos (funcionalismo e influência das correntes da arquitetura europeia). Na altura do 25 de Abril, face à conjuntura social e política, o mercado de

trabalho na área da arquitetura ficou muito limitado, tendo muitos ateliers fechado as portas. Era quase “politicamente incorreto” falar-se de arquitetura. O que estava na ordem do dia era o planeamento.

As suas filhas trabalham consigo. Como funciona esta parceria?

As parcerias funcionam tal qual duas gerações diferentes: ambas as gerações têm razão mas sempre se “engalfinham”, mantendo independência de soluções ou completando-se.

Fale-nos sobre a experiência no Brasil.

No Brasil sente-se uma liberdade de atuação e a dimensão do país é tal que cheguei a fazer trabalhos no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Foz de Iguaçu, cidades a centenas ou milhares de quilómetros umas das outras, mas sempre com escritório no Rio, embora tivéssemos sócios em São Paulo nos empreendimentos turísticos. Tive sorte, ambientei-me bem e consegui realizar em-

preendimentos turísticos junto ao Guarujá, no litoral paulistano, e em Angra dos Reis.

O seu conceito de arquitetura está muito na base da ligação entre o homem e a natureza. Quais são os principais fundamentos ou características do seu trabalho?

Procuro uma arquitetura com uma vertente, de certo modo, minimalista e sem excessos de austeridade mas ligando muito à relação interior/exterior e tentando, de qualquer modo, responder aos desafios da sociedade atual. Tenho procurado também introduzir sempre na arquitetura uma ideia de simplicidade, elegância e cultura.

Há algum projeto que considere especial? Porquê?

Considerei especial o projeto ganho em concurso para o Instituto de Comunicações de Portugal, ICP, em colaboração com o gabinete do Arq. Luís Casal Ribeiro, pela sua simplicidade e plasticidade da solução. Um projeto onde se optou por uma vertente mais tecnológica “vestindo” as fachadas principais e cobertura com painéis fotovoltaicos, contribuindo assim para uma otimização da eficiência energética do edifício (em 2001 seria um desafio). Considero ainda especiais duas outras obras que contaram com a colaboração do Eng. José Pedro Venâncio da Betar: a casa familiar na Comporta, pela forma como articula com o território e com a paisagem e se vive com a maior simplicidade e a recuperação e ampliação da Av. Biarritz, no Monte do Estoril, moradia do princípio do Séc. XX, pela introdução de uma linguagem contemporânea (estrutura de ferro e vidro) adossada à construção existente. A estes projetos acrescentaria também as intervenções no domínio

da reabilitação, que sempre foram apanágio deste gabinete e dos que o precederam, Arquim III e JAPFP Arquitectos e Associados.

O que é que está a fazer atualmente?

Refiro fundamentalmente duas frentes de trabalho: no âmbito da arquitetura, os projetos para a Herdade da Comporta, dando continuidade à pesquisa de modelos de ambientes que têm vindo a ser propostos nos últimos dez anos; e no âmbito do urbanismo, o desenvolvimento de empreendimentos turísticos e reabilitação de áreas peri-urbanas de baixa densidade.

Quais são, no seu entender, as grandes responsabilidades da arquitetura para o futuro?

Estando a atravessar-se um período de revolução tecnológica, e pensando nos modelos de vida actual, ou nos que se podem perspetivar, diria que o grande esforço residirá agora (como dantes) na capacidade de antecipar as soluções para os desafios impostos pela sociedade, nomeadamente, os que se relacionam com o ambiente (no sentido da compatibilização da proteção dos recursos com o desenvolvimento e a evolução tecnológica); e a gestão do tempo (no sentido de um maior equilíbrio entre o tempo do trabalho e os tempos livres). Tudo isto, sem nunca perder a perspetiva de que, citando Marguerite Yourcenar, na obra “Memórias de Adriano”: construir “...é colaborar com a terra; é por numa paisagem uma marca que a transformará para sempre; é contribuir também para a lenta transformação que é a vida das cidades.” Reconstruir “...é colaborar com o tempo sob o seu aspeto de passado, apreender-lhe ou modificar-lhe o espírito, servir-lhe de muda para um mais longo futuro”

BETAR

Moçambique tem sido uma aposta da BETAR. Neste momento, está em curso a execução do projeto do primeiro de três edifícios que integram o Complexo Pemba Centre, em Pemba



Pemba, situada a nordeste de Maputo, é uma cidade portuária com arquitetura colonial portuguesa. É a capital da província de Cabo Delgado e situa-se à saída da baía de Pemba, considerada a terceira maior do mundo. É o mais importante centro no norte de Moçambique e começa a ser conhecida como destino turístico. É em Pemba que está a crescer o primeiro edifício do Complexo Pemba Centre. Um edifício para habitação e comércio, que se desenvolve em 10 pisos elevados e 2 caves para estacionamento. O piso 0, a base da torre, destina-se a comércio e compreende uma zona exterior de passeio público, integrada com o arranjo paisagístico envolvente. Nos pisos elevados as frações distribuem-se em redor de um núcleo central comum, onde se localizam os acessos verticais do edifício, comunicantes com o estacionamento. As estruturas, em betão armado, são do tipo porticado, constituídas por muros de suporte periféricos no estacionamento, pilares e núcleos de paredes resistentes, com as travessas materializadas pelas lajes dos pisos. As lajes são fungiformes, aligeiradas com moldes perdidos de plástico reciclado do tipo “COBIAX” e as fundações são do tipo direto através de sapatas.

Edifício de uso misto do Complexo Pemba Centre, Pemba, Moçambique

Fundações e estruturas: **BETAR**

Projeto: **2013**

Obra: **em curso**

Área bruta de construção: **10.000 m²**

Dono de obra: **Entrepосто**

Arquitectura: **Promontório Arquitectos**

Uma criança que se vê internada num colégio, depois da morte da mãe, e um casal homossexual que é obrigado a viver separado, depois de casar, são os temas centrais dos filmes sugeridos

O Coro

A turbulência da adolescência



Título original: Boychoir
De: François Girard
Com: Dustin Hoffman, Kathy Bates e Garrett Wareing
Gênero: Drama
EUA, 2014, 103 min

Stet tem 11 anos, foi criado pela mãe numa pequena cidade do Texas e vê-se agora, após a sua morte, aos cuidados de uma instituição. Dependente das regras do colégio interno para onde foi enviado, sente-se desenquadrado e revoltado com o mundo, sobretudo quando é obrigado a integrar o coro de uma prestigiada escola de música. Quando o mestre Carvelle, o professor de canto, se apercebe das incríveis capacidades artísticas de Stet, toma como missão fazê-lo entender que esse dom extraordinário é uma dádiva e que não pode ser desperdiçado. Entre eles nasce assim uma relação que, apesar de conflituosa, irá preparar Stet para a idade adulta e, ao mesmo tempo, ajudar Carvelle a apreciar e a redescobrir as maravilhas dos espíritos rebeldes...

O Amor é uma Coisa Estranha

Um filme emocionante



Título original: Love Is Strange
De: Ira Sachs
Com: Alfred Molina, Charlie Tahan, Cheyenne Jackson, Darren E. Burrows, John Cullum, John Lithgow, Marisa Tomei
Gênero: Drama
EUA, 2014, 98 min

Após 39 anos juntos, Ben e George decidem casar-se, em Manhattan, na sequência da aprovação da lei que permite o casamento entre homossexuais. No regresso da lua-de-mel, Ben é despedido do seu emprego como maestro de coro numa escola católica, por causa do casamento. Sem economias, o casal percebe que não tem condições para continuar a pagar o seu pequeno apartamento em Chelsea. Este é um filme que, antes de ser visto, corre o risco de ser conotado com “o problema social dos gays” mas o que interessa a Ira Sachs são os temas da velhice e do amor. Porque, de repente, Ben e George precisam de vender o apartamento onde fizeram a sua vida e, enquanto não encontram outro, vêem-se obrigados a viver separados um do outro, com amigos e familiares.

TEATRO

Violência, degradação, guerra, opressão, sofrimento... isolamento e culpa, são os temas destas duas peças. Situações bem reais, infelizmente, do passado e do presente



As possibilidades

Nesta peça, Howard Barker propõe vários quadros, em tempos e espaços distintos, nos quais as múltiplas personagens se debatem com situações de guerra, de opressão, de culpa – no fundo, situações em que se assiste à difícil gestão das relações de poder. “Quando escrevo”, declara o autor inglês, “não estou a dar nenhuma lição, mas sim a especular sobre o comportamento humano. Isto pode ser perigoso, mas é assim que deve ser. O teatro é um sítio escuro, e o melhor que temos a fazer é manter a luz do lado de fora”. Entre os títulos dos segmentos presentes em “As possibilidades” encontram-se: “Razões para a queda dos imperadores”, “As consequências imprevistas de um ato patriótico” e “A necessidade da prostituição nas sociedades desenvolvidas”.

Teatro Municipal Joaquim Benite

De 9 a 31 de Maio

Encenação: Rogério de Carvalho

Interpretação: Alexandre Silva, Ana Água, Beatriz Wellenkamp Carretas, Cátia Terrinca, Cleonise Tavares, Daniel Viana, Joana Campelo, João Farraia, José Redondo, Miguel Valle, Nádia Yracema, Nuno Filipe Fonseca, Pedro Walter, Sofia Vitória, Vicente Wallenstein, Welket Bungué.

Play Strindberg

Esta obra de Friederich Dürrenmatt, é uma adaptação do original de August Strindberg “A Dança da Morte”. Trata-se de uma peça tensa, com um clima denso, que conta a história da relação entre Edgar, um capitão de artilharia, e Alice, uma ex-atriz, que se culpam mutuamente por terem abdicado das suas vidas e das suas ambições em nome do casal, vivendo há 25 anos isolados do mundo numa ilha remota da Suécia. A peça segue o comportamento das personagens e todos os conflitos que derivam da relação. Um dia, o muito amável, mas misterioso, Kurt, primo de Alice, aparece para visitá-los após uma ausência de décadas. A crise acontece com a entrada desta terceira personagem. A partir deste momento o casal terá sempre entre si a terceira personagem como ponto de equilíbrio.

Comuna Teatro de Pesquisa

Até 31 de Maio

Encenação: João Mota

Interpretação: Carlos Paulo, Igor Sampaio e Maria do Céu Guerra



Concertos com combinações singulares, um espetáculo de dança que podia ser uma peça de teatro e o regresso de um festival de referência no jazz, são as propostas para o mês de Maio



Danças Ocultas

Dia 5 de Maio no CCB

CONCERTO

O objetivo dos Danças Ocultas foi afastar o acordeão diatónico (concertina) do folclore tradicional e assim se aproximaram da música de câmara. No entanto, a conotação tradicional do instrumento remeteu-os para circuitos da world music e a junção com a Orquestra Filarmónica das Beiras veio evidenciar o seu carácter universal e contemporâneo. Este concerto tem como convidados: Carminho, Rodrigo Leão e Dead Combo.



Everybody, de Antonio Tagliarini

Dias 8 e 9 de Maio na Culturgest

DANÇA

Antonio Tagliarini sente que no teatro, como na vida, existem coisas que atraem e, ao mesmo tempo, inquietam. Uma velhota que arrasta o carrinho de compras, uma rapariga atraente que atravessa a rua, pedreiros que lhe mandam piropos, crianças que jogam à bola... Nesse palco, nós também estamos presentes: sentimo-nos únicos mas também nós somos um que passa. Este espetáculo é a nossa vida, uma vida, a vida de todos.



Estoril Jazz

De 9 a 17 de Maio no Auditório Casino Estoril

FESTIVAL

A 34ª edição do Estoril Jazz, que é há muito um festival de referência no nosso país, traz-nos concertos inesquecíveis. Mantendo a tradição, apresenta músicos que respeitam as raízes e a identidade do jazz. Desde jovens músicos portugueses, como Ricardo Toscano, João Pedro Coelho, Romeu Tristão e João Pereira, aos nomes mais sonantes: Sean Jones, Roseanna Vitro com Kenny Werner e Opus 5.



Sérgio Godinho e Jorge Palma

Dia 29 de Maio no Centro Cultural Olga Cadaval

CONCERTO

Enfim “juntos”! Dois grandes nomes da música nacional reúnem-se em palco para um espetáculo especial. Inédito! Ainda que, ao longo das carreiras, se tenham cruzado várias vezes, nunca o propósito foi este: “juntos”. Juntam-se as ideias, as viagens, as histórias. Junta-os a música, os palcos, o público e a vontade de escrever, cada um a seu jeito, a liberdade. “Juntos” partilham quatro décadas de canções.



Concertos e óperas em maio

por António Cabral

Este é um mês rico em concertos com destaque para “O Requiem” de Verdi e a ópera de Stravinsky “Rake’s Progress”.

TEATRO THALIA

9/5 às 21.30 horas

A Orquestra Metropolitana de Lisboa, um bom maestro, Michael Zilm, e um dos nossos melhores pianistas, Jorge Moyano interpretam, de Haydn, Mozart e de um Beethoven ainda clássico, respetivamente, a Sinfonia nº 75 (1781), o Concerto para piano nº 27 (1790) e a Sinfonia nº 1 (1799).

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

10/5 e 12/5 às 19 horas (Grande Auditório)

Dois concertos importantes por dois grandes intérpretes, a saber: Murray Peraya (pianista) a 10 e Natalia Gutman (violoncelista) a 12 (três suites de Bach).

14/5 às 21 horas e 15/5 às 19 horas (Grande Auditório)

Nestes dias iremos ouvir a introdução da ópera “Khovanshchina” de Mussorgsky, o “Concerto nº 1 para violoncelo e orquestra” de Chostakovitch e o “Concerto para orquestra de Bela Bartok”, a Ópera do Séc. XIX e duas obras maiores do Séc. XX. pela Orquestra Gulbenkian, a maestrina Susanna Malkki e a violoncelista Natalia Gutman. A não perder.

De 15/5 a 17/5

Sete concertos denominados “Rising Stars” com jovens intérpretes selecionados pela ECHO (European Concert Hall Organisation)

28/5 às 21 horas e 29/5 às 19 horas (Grande Auditório)

Verdi não precisava das suas admiráveis óperas para ficar na história da música, bastava-lhe o Requiem. Nestes dois dias o Requiem é interpretado pela Orquestra e Coro da Gulbenkian, pelo seu maestro Paul McCreech

e pelo quarteto solista: Dina Kuznetsova (s.), Karen Cargill (m.s.), Norman Reinhardt (t.) e Dimitri Ulyanov (b.). O Requiem foi composto à memória do poeta Alessandro Manzoni, amigo do compositor, falecido em 1873.

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

22/5 e 23/5 às 21 horas (Pequeno Auditório)

Para os amantes da Ópera Barroca, apresenta-se “Armida”, do checo Josef Myslivecek (1737/1781), cujo original da partitura se encontrava no Palácio da Ajuda e que é agora recuperado. Orquestra Metropolitana de Lisboa; dir. João Paulo Santos; coro Voces Celestes; cantores Joana Seara, Carla Caramujo, Leila Moreso, Marco Alves dos Santos, Eduarda Melo e Sónia Alcobaça.

31/5 às 17 horas (Grande Auditório)

A Orquestra Metropolitana de Lisboa, o maestro Frank Beermann e a soprano Julis Bauer num programa menos convencional: O “Idílio de Siegfried” de Richard Wagner (1869), as “Sete Canções de Juventude” de Alban Berg (1908) e a “Segunda Sinfonia op. 29” de Alexander Scriabin (1901). Oportunidade para conhecer dois compositores da transição do Séc. XIX para o XX – Berg e Scriabin – menos habituais nos programas de concerto.

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

29/5 às 20 horas, 31/5 às 16 horas e 2, 4 e 6/6 às 20 horas

A ópera de Igor Stravinsky “Rake’s Progress”, estreada em Veneza em 1951 e inspirada em gravuras do pintor Hogarth e no bel-canto italiano setecentista e oitocentista, pela Orquestra e Coro do Teatro S. Carlos; com encenação de Rui Horta e direcção de Joana Carneiro.

Internacionalmente reconhecido, o “World Press Photo” é uma das exposições fotográficas mais importantes do ano. Está em Lisboa com as fotografias premiadas em 2014

Museu da Eletricidade

World Press Photo 2015

Até 24 de Maio

As fotografias premiadas no mais importante concurso de fotojornalismo do mundo, o World Press Photo, estão em Lisboa durante este mês. Esta é a exposição que, anualmente, revela os trabalhos vencedores do concurso com o mesmo nome, um dos mais reconhecidos a nível internacional. A fotografia vencedora, do dinamarquês Mads Nissen, uma imagem íntima de um casal homossexual na Rússia - país onde os comportamentos homossexuais são comuns - é a prova de que não é necessário ir à guerra para vencer o World Press Photo, depois de, há alguns anos consecutivos, terem sido sobretudo premiadas imagens de guerra e violência. A edição deste ano analisou quase 98 mil fotografias de 5.692 fotógrafos. Foram premiados 42 trabalhos, de autores de 17 nacionalidades diferentes, enquadrados em oito categorias temáticas.



Miguel Justino Contemporary Art

Projecto Sinestesia

Até 30 de Maio

Aparentemente, o olfato tem sido desprezado como sentido envolvido na fruição da arte. Esta mostra pretende, por isso, convocar a perfumaria como forma de arte, em diálogo com a pintura. O desafio foi proposto ao pintor Gabriel Garcia. Foi-lhe pedido que, de forma imediata, pintasse imagens sugeridas pelo estímulo de doze perfumes. Cheiros que evocam sensações, e levam à formação de cenários mentais, foram traduzidos em imagens pelo artista. É assim que surge uma exposição, inédita em Portugal, em que a visão e o olfato são convocados em simultâneo. O resultado provém da livre associação de ideias e das metodologias surrealistas do pintor. Pretende-se ver e cheirar a arte e recorrer à memória e às sensações do inconsciente. Aqui tudo se mistura e está relacionado como memória pessoal de cada um.

Um documentário sobre doenças mentais, o icónico saxofonista Charles Gayle e uma mostra inédita do espólio de Camilo Castelo Branco, são algumas propostas culturais na cidade do Porto

cinema



Pára-me de repente o pensamento

Dia 7 de Maio, no Teatro Nacional São João

Este é um documentário de Jorge Pelicano que pretende mostrar uma face pouco explorada do mundo da doença mental. No Centro Hospitalar Conde de Ferreira, um hospital psiquiátrico no Porto, o ator Miguel Borges submergiu naquela realidade, durante três semanas. As refeições, as terapias, o café e o cigarro foram partilhados com os utentes. Sem entrevistas, este documentário pretende derubar estigmas em torno da doença mental, permitindo ao público conhecer os lados humano, irracional e emocional dos doentes.

música



Charles Gayle

Dia 25 de Maio, na Culturgest Porto

Charles Gayle é um icónico saxofonista e pianista, reconhecido pelo seu expressionismo intenso e irreverente. Músico de uma assinatura tonal volumosa, próxima de Albert Ayler, e uma distorção tímbrica inconfundível, Gayle é uma personalidade incontornável no jazz contemporâneo. As suas improvisações caracterizam-se por melodias evocativas dos espirituais negros afro-americanos e um impressionante domínio da amplitude de registo do saxofone tenor.

artes



Camilo Cá e Lá

Até 1 de Junho, no Centro Português de Fotografia

No âmbito do Ciclo Comemorativo dos 190 anos do nascimento e 125 anos da morte de Camilo Castelo Branco, várias peças do espólio do escritor estão expostas ao público pela primeira vez. A exposição reparte-se entre a Irmandade de Nossa Senhora da Lapa, onde se encontra sepultado o corpo de Camilo, e o Centro Português de Fotografia, onde o escritor esteve preso em 1860, na antiga Cadeia da Relação. Dia 16 de Maio haverá uma projeção comentada do filme “Amor de Perdição”, de António Lopes Ribeiro.

A mentira está na base dos livros deste mês. Um irmão de quem não se sabia da existência e uma amante secreta que desencadeia uma série de enganos são os temas principais



Chico Buarque

O Irmão Alemão

Aos 22 anos Chico Buarque descobriu que tinha um irmão alemão. O seu pai vivera na Alemanha entre 1929 e 1930, onde um romance com uma mulher alemã deu origem a um filho que não chegou a conhecer. Quase cinco décadas depois da descoberta, Chico Buarque decidiu fazer da existência desse irmão a matéria de um romance. Mas antes precisava de saber exatamente o que lhe acontecera. Dessa busca nasce este livro. Magistralmente conduzida por um narrador obsessivo, delirante, megalómano e profundamente solitário sem o querer ser, a narrativa enreda o leitor numa trama em que realidade e devaneio se confundem. A páginas tantas, a busca por esse irmão desconhecido passa a pertencer também ao leitor.



Sascha Arango

A Verdade e Outras Mentiras

Do lado de fora, Henry Hayden tem uma vida perfeita: é um famoso escritor com uma mulher inteligente e leal e consegue seduzir toda a gente com a sua sensualidade. Mas Henry tem um lado obscuro e um passado secreto que guarda numa mentira e a vida de fachada que construiu é subitamente ameaçada quando Betty, a amante, lhe revela que está grávida. Desesperado por salvar o seu casamento e o sucesso literário de que goza, Henry comete um erro fatal e, na ânsia de o consertar, entra num turbilhão imparável de mentiras e destruição. Este é um thriller psicológico que reúne inteligência, elegância, comédia negra e um elemento surpresa tão forte que nos hipnotiza desde o primeiro momento.

Duas coleções importantes estão em Madrid e Paris durante a renovação dos museus a que pertencem. Obras únicas de Munch, Kandinsky, Picasso, Lichtenstein e Warhol



Museu Rainha Sofia, Madrid

A coleção do museu Kunst

Até 14 de Setembro

O museu Kunst, em Basileia, foi o primeiro museu público municipal a abrir no mundo, contendo, atualmente, uma das mais importantes coleções de arte contemporânea na Europa. Devido ao encerramento temporário do Kunst, para renovação das instalações, mais de uma centena de obras da coleção, do final do século XIX até o presente, estarão em exibição em Madrid. Munch, Kandinsky, Picasso, Gris, Léger, Braque, Le Corbusier, Max Ernst, Paul Klee, Mondrian, Richter e Andy Warhol são alguns nomes representados.

Grand Palais, Paris

Ícones Americanos

Até 22 de Junho

Durante a renovação do Museu de Arte Moderna de San Francisco, o Grand Palais abriga as suas obras mais emblemáticas, bem como partes da coleção Fisher, uma das coleções privadas de arte moderna mais importantes do mundo, que reúne mais de mil obras assinadas por 185 artistas como Alexander Calder, Roy Lichtenstein, Agnes Martin, Richard Serra e Andy Warhol.



Tate Modern, Londres

Sonia Delaunay

Até 9 de Agosto

Sonia Delaunay foi uma figura chave na vanguarda da arte abstrata parisiense. Ao longo da primeira metade do século XX, a artista celebrou o mundo moderno, a tecnologia e a vida urbana, explorando novas ideias sobre a teoria da cor. Esta é a primeira retrospectiva no Reino Unido para avaliar a amplitude da sua prática artística vibrante, onde estão expostas pinturas e roupas que Delaunay fez ao longo da carreira de sessenta anos.



B
Betar

**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

**ALGUNS TRABALHOS
CONJUNTOS COM
O ARQ. PEDRO
FERREIRA PINTO**

**QUINTA DAS AREIAS,
VILA FRANCA**